



Autoridade cognitiva, desinformação e postagens sobre tratamento precoce contra COVID19: Análise de conteúdo dos comentários sobre hidroxicroquina

COGNITIVE AUTHORITY, MISINFORMATION, AND POSTS ON COVID19 EARLY TREATMENT: CONTENT ANALYSIS OF REVIEWS ON HYDROXYCHLOROQUINE

Débora Crystina Reis¹, Ana Paula Meneses Alves²

¹ Bibliotecária. Mestranda em Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0429-024X>

Email: deboracyreis@gmail.com

² Doutora em Ciência da Informação. Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-2139>

Email: apmeneses@gmail.com

Correspondência: Escola de Ciência da Informação – Departamento de Organização e Tratamento da Informação – Universidade Federal de Minas Gerais Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha | Belo Horizonte – MG - 31270-901.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Conflito de interesses: os autores declaram que não há conflito de interesses.

Como citar este artigo

Reis DC, Alves APM. Autoridade cognitiva, desinformação e postagens sobre tratamento precoce contra COVID19: análise de conteúdo dos comentários sobre hidroxicroquina. Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais. [online], volume 7, número

especial III. Editor responsável: Luiz Roberto de Oliveira. Fortaleza, fevereiro de 2022, p. 61-82.

Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/resdite/index>. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 12/08/2021

Data de aprovação do artigo: 25/08/2021

Data de publicação: 14/02/2021

Resumo

Introdução: A pandemia de Covid-19 levantou novas discussões na sociedade e, em especial, no setor de saúde. No Brasil, um dos grandes debates foi sobre o tratamento precoce com medicamentos como hidroxicroquina, que mesmo não sendo recomendado por autoridades sanitárias, foi defendido por autoridades políticas e por parcela da população. Indaga-se então sobre o que influencia alguém a acreditar em defesas sem fundamento científico. **Objetivo:** Acerca disso, analisamos o conteúdo de comentários em uma publicação sobre estudo acerca da hidroxicroquina, presente em um veículo de mídia de Minas Gerais. Como objetivos específicos elencamos:

Entender o que é considerado tratamento precoce; discutir brevemente o contexto da pós-verdade e conceitos como rumores, *Misinformation*, *Desinformation* e autoridade cognitiva. **Método:** Adotamos como metodologia a pesquisa exploratório-descritiva e a abordagem quali-quantitativa. Como coleta de dados, optamos pela pesquisa bibliográfica e extração de dados dos comentários, utilizando a análise de conteúdo. **Resultados:** Os resultados indicam uma politização, de caráter partidário, por parte da amostra da população pesquisada para o tratamento da Covid e a própria pandemia; corroborando com pensamentos que vão contra as recomendações sanitárias. **Conclusão:** O fato da autoridade política, por vezes, gerar uma confiança cega no seu discurso, pode levar ao óbito de cidadãos.

Palavras-chave: COVID-19; autoridade cognitiva; desinformação; tratamento precoce; análise de conteúdo.

Abstract

Introduction: The Covid-19 pandemic raised new discussions in society and, in particular, in the health sector. In Brazil, one of the great debates was about early treatment with medications such as hydroxychloroquine, which, although not

recommended by health authorities, was defended by political authorities and by a portion of the population. It is then asked what influences someone to believe in unscientific defenses. Objective: Regarding this, we analyze the content of comments in a publication about a study about hydroxychloroquine, present in a media vehicle in Minas Gerais. As specific objectives we list: Understand what is considered early treatment, based on a literature review; briefly discuss the context of post-truth and concepts such as Rumors, Misinformation, Disinformation, and Cognitive Authority. **Method:** We adopted as methodology the exploratory-descriptive research and the qualitative-quantitative approach. As data collection, we opted for bibliographic research and data extraction from comments, using content analysis. **Results:** The results indicate a politicization, of a partisan nature, by the sample of the population surveyed for the treatment of Covid and the pandemic itself; corroborating with thoughts that go against health recommendations. **Conclusion:** The fact that political authority sometimes generates blind trust in its speech can lead to the death of citizens.

Keywords: COVID-19; authority cognitive; desinformation; early treatment, content analysis.

1. Introdução

O ano de 2020 foi marcado por uma das maiores crises sanitárias da história. A pandemia do novo coronavírus, vírus que transmite a COVID-19, modificou vários processos na sociedade, com a necessidade de ações específicas para tentar conter o avanço da sua propagação e suas consequências, como milhares de infectados e mortes. Os países lidaram de diferentes formas com a situação, priorizando as questões que seus representantes achavam ser mais necessárias de cuidados e atenção. Os primeiros indícios de uma doença desconhecida e nova são de dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China, e a partir de então, houve uma proliferação do vírus em nível mundial, até que, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a pandemia¹.

As medidas de proteção contra o vírus incluem a utilização de máscara, higienização das mãos e o distanciamento social, visto que ainda não há uma solução de grande abrangência para deter o avanço do agente infeccioso. Diante da pandemia e de uma doença

desconhecida, surgiram várias notícias sobre a prevenção e até mesmo o tratamento da patologia causada. De soluções caseiras a uso de diferentes medicamentos, após um tempo essas notícias se provaram falsas, ou seja, não funcionavam efetivamente contra o coronavírus. Dentre essas fake news, surgiram notícias como tomar a água com limão, limpar as mãos com vinagre ao invés da utilização de álcool 70% ou em gel e a que perdurou e ganhou mais força: a utilização de medicamentos antes do diagnóstico clínico, como se esses medicamentos fossem preventivos ao vírus.

Essas fake news e rumores tomaram conta das redes sociais e conseguiram atingir uma parcela da população mundial, inclusive brasileiros. A diferença no Brasil é que algumas tomaram força a partir de discurso de autoridades políticas, como o uso dos medicamentos. Essa utilização medicamentosa recebeu o nome de “tratamento precoce”¹ pelas autoridades políticas e sanitárias brasileiras, sendo incentivada a utilização em massa. O ministério da Saúde produziu um aplicativo, nomeado como TrateCov, que visava auxiliar os profissionais da saúde a utilizarem e prescreverem o tratamento precoce, mas que foi retirado do ar após alguns problemas apontados, como crime de responsabilidade e por infringir cláusulas da Lei Geral de Proteção de Dados². A julgar por tais questões, realizamos este estudo com o objetivo de analisar o conteúdo de comentários em uma publicação sobre o estudo do uso da hidroxicloroquina e, dessarte, compreender um pouco mais sobre o que leva pessoas a adotarem como verdade informações sem comprovação científica e que podem gerar impactos irreversíveis em sua saúde.

Nos embasamos na seguinte questão de pesquisa: considerando os dados oficiais sobre os estudos acerca do uso da hidroxicloroquina e cloroquina, que dissertam que o medicamento não tem eficácia contra a COVID-19, o que influencia a população a acreditar em defesas sem fundamento científico, em detrimento de sua própria saúde?

Alicerçados nesta questão, acerca do uso dos medicamentos hidroxicloroquina e cloroquina, mesmo sem evidências científicas que embasassem seu uso, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o conteúdo de comentários em uma publicação sobre estudo acerca da hidroxicloroquina, na página de um veículo da mídia: o jornal Estado de Minas, no Facebook. Como objetivos específicos elencamos a) entender o que é considerado tratamento precoce, a partir de um levantamento bibliográfico; b) discutir o contexto da pós-verdade, conceitos como rumores, *Misinformation* ou *Desinformation* e autoridade cognitiva.

¹ Vide vídeo do Presidente Jair Bolsonaro e do Ministro da Saúde recomendando o tratamento precoce: <https://youtu.be/-tTgxztuqTs>.

Para tanto, esse artigo foi organizado da seguinte maneira: Introdução, tópico que apresenta a temática e as intenções do estudo; Fundamentação Teórica, o próximo tópico, que foca na contextualização da pandemia de COVID-19, nas definições de tratamento precoce contra coronavírus, o uso de redes sociais na pandemia, bem como nos conceitos de desinformação e fake news. Na Metodologia são descritos o universo da pesquisa e a categorização utilizada, seguida das análises quantitativa e de conteúdo; e por último, as Considerações Finais do estudo.

1.1 Pandemia e COVID-19

A doença transmitida pelo coronavírus, também denominado SARS-CoV-2, a COVID-19 (do inglês, *CoronavirusDisease* 2019), já fez 2.448.188 vítimas fatais e já infectou 110.562.484 pessoas, segundo os dados da Universidade Johns Hopkins. Os três países com mais número de casos são os Estados Unidos, com 27.950.547, a Índia, com 10.963.394 e o Brasil, com 10.030.626. O Brasil, em especial, teve contabilizadas 243.457 mortes em detrimento dessa doença ³². Em meio à pandemia surgiram diversos estudos sobre formas de amenizar a doença, de cura, vacinas e medicamentos para tratamento da COVID-19 e com esses estudos também vieram desinformações e *fake news* acerca dos procedimentos. Um dos mais polêmicos foi a utilização do composto hidroxicloroquina para o tratamento em estágio inicial de infecção por COVID-19, conforme detalharemos a seguir.

1.2 Tratamento Precoce contra COVID-19: uso da hidroxicloroquina

O uso da hidroxicloroquina (HCQ) e cloroquina foi foco de discussões no mundo todo, esses medicamentos foram defendidos sob o termo de “tratamento precoce”, que se refere à utilização de substâncias, anterior ao diagnóstico do Covid ou nos primeiros dias da infecção. Para tal procedimento eram normalmente mencionados os seguintes medicamentos: cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina, azitromicina, nitazoxanida, corticoide, zinco, vitaminas, anticoagulante, ozônio por via retal e dióxido de cloro. Esse “tratamento precoce” não é recomendado por nenhuma entidade médica, tais como a OMS e a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) em âmbito internacional⁴ e a Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) em âmbito nacional⁵. Em diferentes notas, utilizando como base artigos científicos, as autoridades médicas afirmam que esses medicamentos não trazem benefício virológico e tampouco

² Dados do dia 19 de fevereiro de 2021.

clínico, isto é, não contribuíram para a diminuição dos sintomas, nem evitaram agravamentos da doença, internação ou necessidade de oxigênio. Em um trecho da nota do dia 17 de julho de 2020, sobre o assunto, a SBI pede que tratamentos com a HCQ sejam abandonados urgentemente⁶.

A HCQ é recomendada e utilizada por pessoas com doenças autoimunes, como lúpus, artrite, além da malária. Alguns estudos apontavam certa eficiência do medicamento para auxiliar no tratamento de COVID-19, em contrapartida a outros que apontam seus efeitos adversos. Porém, muitas postagens em redes sociais como o *Whatsapp, Facebook, Twitter* expuseram o tratamento como efetivo e com mensagens de incentivo à automedicação, prática não recomendada por nenhum órgão de saúde em nível mundial, nacional ou regional.

Sobre a utilização da hidroxicloroquina e cloroquina no tratamento da COVID-19, foram realizados vários estudos a nível mundial e nacional. A nível mundial temos a iniciativa da OMS com o estudo *Solidarity*³⁷, que conta com vários países e diferentes instituições pesquisando diferentes tratamentos. No Brasil, no estudo *Solidarity*, se destaca a pesquisa sobre o tratamento com a cloroquina, liderado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e realizado em 18 hospitais e 12 estados. Como iniciativas nacionais, temos o estudo CloroCovid-19, que conta com instituições como a Fiocruz, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estado do Amazonas (UFAM) e Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Vieira Dourado.

Uma importante atualização da OMS sobre o estudo *Solidarity* foi apresentada em 15 de outubro de 2020 e dispõe que os medicamentos do estudo, incluindo a cloroquina, tiveram pouco ou nenhum efeito na mortalidade geral, início da ventilação e duração da internação⁴. Mesmo com pesquisas em andamento, houve uma enxurrada de publicações nas redes sociais sobre os possíveis tratamentos da COVID-19. Segundo Xavier *et al*⁸, em um período de 2 meses (16 de março a 16 de maio), foram encontrados cerca de 7.720.408 *tweets* relacionados à COVID-19, dentre os quais a incidência de postagens relacionadas aos tratamentos, cerca de 75%, eram sobre cloroquina e seu uso.

Apesar de todos os estudos, pedidos e notas sobre a não utilização de medicamentos considerados de “tratamento precoce”, o Governo Federal do Brasil incentivou estados e municípios ao consumo e, com isso, algumas autoridades políticas balizaram o uso desses

³ Solidariedade em inglês.

⁴ Vide dados do estudo disponíveis em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/global-research-on-novel-coronavirus-2019-ncov/solidarity-clinical-trial-for-covid-19-treatments>

medicamentos como protocolo ou “kit covid”. Uma dessas autoridades foi o prefeito de Vilhena, Rondônia, Eduardo Japonês (Figura 1). Um dossiê, intitulado “Era uma vez no país da cloroquina”, elaborado pelo jornal “A Pública”, traz relatos de autoridades que utilizaram esse medicamento.

Figura 1: Prefeito defendendo a cloroquina publicamente



Fonte: Perfil Facebook Eduardo Japonês (2020).

No contexto da pós-verdade, Fernandes e Montouri⁹ discutem que, nesse cenário, as crenças pessoais se sobrepõem à lógica e aos fatos, o jornalismo que conhecemos como tradicional tem perdido espaço e, como destacam as autoras, “[...] um post no Facebook ou mesmo um *tweet* têm potencial de mobilizar de maneira significativa a opinião pública.”.

De acordo com o objetivo desse trabalho, que é analisar comentários em rede social, faz-se necessário explorar alguns conceitos de redes sociais, seu uso, bem como conceitos como Desinformação e *fake news*, que serão elucidados nos próximos tópicos. No contexto da pandemia no Brasil, em especial nos espaços das redes sociais, o debate público a respeito do tema tem se acirrado e se polarizado, assim como o contexto político atual e, por isso, a relevância do debate sobre o uso de redes sociais, conforme detalharemos no próximo tópico.

1.3 Usos de redes sociais na pandemia

Diante do exposto anteriormente, faz-se necessário discorrer sobre as redes sociais *online* e seus usos pela população brasileira. As redes sociais *online* são criações recentes e baseadas na cibercultura, possibilitando novas formas de contato e interações mediadas e através da tecnologia. Antes do processo de inovação tecnológica, os seres humanos já

conviviam em redes, não só fisicamente, como também, por meio do compartilhamento de conhecimentos e vivências. As redes sociais, segundo Marteleto¹⁰ na ideia de elos, estruturas sem fronteiras ou uma comunidade não geográfica -, podem representar “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores compartilhados.” Dessa forma entendemos as redes sociais *online* como participantes autônomos que utilizam de espaços tecnológicos para unir-se, compartilhar, criar ideias e recursos de valores em comum.

Atualmente, as redes sociais *online* são diversas e com públicos-alvo bem definidos. Somado a isso, a popularização do acesso à internet promoveu a possibilidade de mais pessoas se conectarem através das redes sociais. Segundo matéria publicada em outubro pelo site G1¹¹, as 5 maiores redes sociais são o *Facebook* (2,6 bilhões de usuários); *Youtube* (2 bilhões de usuários), *WhatsApp* (2 bilhões de usuários), *WeChat* (1,2 bilhão de usuários) e *Instagram* (1 bilhão de usuários). No Brasil, segundo o relatório *Digital in 19*¹², as 5 redes sociais mais utilizadas são *Youtube*, *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook Messenger*.

Ainda sobre os brasileiros e a presença nas redes sociais, uma pesquisa realizada no início de 2020, *Digital in 2020*, constatou que o Brasil ocupa o 3º lugar de países que utilizam tais redes por mais tempo no dia a dia, cerca de 3h e 31 minutos por dia, ficando atrás apenas das Filipinas (3h 53 minutos) e Colômbia (3h 45 minutos). Nessa pesquisa, os aplicativos mais utilizadas são *Facebook*, *Youtube* e *WhatsApp*¹³. A partir desses dados, fizemos o recorte deste trabalho no *Facebook*, a rede social com mais usuários e mais utilizada ao redor do mundo e no Brasil.

1.4 Facebook

O *Facebook* é uma das redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros, como colocado pela pesquisa *Digital in 19*¹². Foi fundada em 2004, por Mark Zukembeg, e, segundo dados da própria empresa, são compartilhados diariamente 100 bilhões de mensagens e 1 bilhão de stories. De 2004 até 2020 foram compradas ou criadas 7 outras redes ou empresas, como o *Instagram* (2012) e *WhatsApp* (2014). Os princípios colocados pela marca são a) Dar voz às pessoas; b) Criar conexão e comunidade; c) Servir a todos; d) Manter as pessoas seguras e proteger a privacidade; e) Promover oportunidade econômica¹⁴.

O Facebook se apresenta de forma gratuita e que ganha pelas publicidades colocadas em suas páginas. Ultimamente tem sido questionado o quão próximos são os dados coletados pela rede social e as formas de publicidade apresentadas aos usuários. Nos

últimos anos, foram apresentados diversos documentários e filmes que mostram sobre uma manipulação realizada pelo *Facebook* dos dados apresentados pelos usuários diariamente, dentre eles: *Sob termos e condições*, *Privacidade Hackeada* e *Dilema das redes*, produzidos pela empresa Netflix. Em 2018, o criador do *Facebook*, Mark Zuckerberg foi chamado ao Congresso dos Estados Unidos para explicar o uso indevido de dados de 87 milhões de pessoas.

No discurso do *Facebook*, apresentado ao Congresso dos Estados Unidos na investigação do uso de dados de milhões de pessoas pela agência de consultoria *Cambridge Analytica*, a partir de dados da rede social, Zuckerberg diz que “está claro agora que não fizemos o suficiente para evitar que essas ferramentas (*Facebook* e teste de personalidade) fossem usadas de forma danosa. Isso vale para notícias falsas, interferência estrangeira em eleições e discursos de ódio [...]”¹⁵. Algum tempo depois, foi lançado o documentário *Privacidade Hackeada*, que expõe algumas pontas a mais sobre esse caso.

Após essas polêmicas, o *Facebook* dispôs iniciativas para o combate à desinformação. Constatou-se que, apesar de ser a maior rede social da internet, ela aparentemente não possuía nenhuma forma de filtro de postagens e compartilhamento. Também em 2018, a empresa começou a apoiar projetos no Brasil no combate à desinformação. “O Facebook está empenhado em construir uma comunidade mais informada e anuncia hoje o apoio a dois projetos de *newsliteracy* no Brasil para ajudar no consumo de informações na era digital”¹⁶.

Em especial, para combater a desinformação na pandemia, a empresa criou algumas iniciativas específicas para o tema. Realizando parcerias ao redor do mundo, a rede social passou a classificar as informações como falsas ou verdadeiras. Caso sejam falsas, o compromisso é de reduzir sua distribuição e exibir marcações de aviso contextualizadas: “Com base em uma verificação de fatos, podemos iniciar métodos de detecção para identificar conteúdos similares [...]”¹⁶. No Brasil, as ações específicas incluem o investimento em empresas de verificação, *Bot* do ministério da saúde no *WhatsApp* e outros. A partir do exposto até aqui, iremos discutir os conceitos de desinformação e *fake news*.

1.5 Desinformação e Fake News e Autoridade Cognitiva

É notório o impacto da desinformação e de notícias falsas na população mundial, assim como as forças dos discursos de pessoas influentes, sejam eles verdadeiros ou falsos. Com isso, é notada também a importância de checagem e contra-argumentação

quando se trata de desinformações. Segundo Pinto¹⁷, a desinformação e as *fake news* já são conhecidas dos brasileiros, uma vez que “[...] foram utilizadas como método de campanha, sendo protagonistas na disputa pelo poder político através do poder discursivo”. Paiaia¹⁸ considera que existe uma rede de produção e circulação de notícias falsas, desde o início do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff.

Para analisarmos os comentários, objetos desse trabalho, precisamos conceituar o que seria desinformação e *fake news*, além de suas formas de representação na sociedade. Segundo Pinto¹⁷, as *fake news* fazem parte de um ecossistema da informação, a partir de dois elementos colocados por Ting e Song¹⁹: *Misinformation* é um compartilhamento não intencional, e dessa forma não tem como objetivo enganar, e o segundo elemento, *Desinformation*, é um conteúdo que se tem conhecimento da falsidade, e tem o objetivo de induzir ao erro. Esses conceitos estão alinhados às definições feitas por Moura e Paula²⁰ que conceituam desinformação como o compartilhamento de conteúdo falso com o objetivo de influenciar pessoas, trabalhando para desmoralizar, causando certo desentendimento desmoralizando, desestabilizando o entendimento dos indivíduos.

Outros conceitos importantes são fatos alternativos e rumores. Fatos alternativos foram criados no contexto estadunidense em 2017, segundo Moura e Paula²⁰, e podem ser entendidos de duas formas: a difusão de um conhecimento falso como informação verdadeira ou um erro que é aceito como verdade.

Já o conceito de rumor pode ser entendido, a partir de abordagens diferentes no contexto informacional, seja *Misinformation* ou *Desinformation*, pois varia pela sua intenção da sua produção e disseminação. “A credibilidade dos rumores não está alicerçada em evidências, mas no fato de as pessoas acreditarem neles e os compartilharem em suas redes de relacionamento”¹⁷. Outra contextualização importante sobre os rumores é apresentada por Paiaia¹⁸, que pensando-os para serem classificados e entendidos, necessitam de analisar-se as intenções que os alicerçam e que não sabendo se são falsos ou verdadeiros, acabam servindo como uma forma de orientação coletiva.

Bastos e Câmara²¹ realizaram um estudo sobre postagens de movimentos políticos no *Facebook* e a partir dos dados das análises dizem que é preciso analisar com afinco a vinculação afetiva, social e gustativa de determinado sujeito, pensando também na sua determinação ideológica, uma vez que, a partir dessas vivências, são criadas as “bolhas” virtuais em que o conteúdo compartilhado e recebido é sempre de acordo com as interações.

A partir de todos os conceitos colocados até aqui, é necessário discutir as relações entre desinformação, *fake news*, rumores e as redes sociais já apresentadas. As redes sociais com suas possibilidades de compartilhamento e interações com conteúdo são potencializadoras de ações humanas, tais como a publicação de notícias falsas, rumores e opiniões. Tais ações têm efeito em diversos segmentos da vida social, como na saúde coletiva, apontada por Saraiva e De Faria²², que consideram que a propagação de *fake news* é um dos fatores agravantes no crescimento do movimento antivacina, que tem consequências coletivas, como a volta de doenças já erradicadas como o sarampo.

Como a influência de pessoas é uma parte chave do entendimento desse fenômeno, faz-se necessário apresentar o conceito de autoridade cognitiva, que segundo Figueiredo e Saldanha²³, a partir da revisão dos estudos de Wilson (1983), é o tipo de autoridade que influencia o pensamento e, conseqüentemente, a formação de opinião de outras pessoas. Além disso, é preciso que essa autoridade seja reconhecida e outorgada pela pessoa influenciada. A influência de uma autoridade cognitiva não está necessariamente relacionada à autoridade administrativa.

Após discorrermos sobre os conceitos que fundamentam essa discussão, comentaremos sobre a metodologia da pesquisa.

2. Métodos

Este estudo trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva do ponto de vista de seus objetivos gerais e específicos, bem como de abordagem quali-quantitativa quanto à sua natureza²⁴. Seus métodos de coleta de dados são pesquisa bibliográfica, para embasamento teórico. Sobre a técnica de análise de dados, utilizou-se de análise de conteúdo, segundo os preceitos de Bardin²⁵.

Nos próximos tópicos exploraremos mais a fundo cada ponto da coleta e análise de dados.

2.1 Universo da Pesquisa

O Jornal Estado de Minas é de 1928. Mesmo tendo o nome do Estado de Minas Gerais, não é um jornal exclusivo para notícias do Estado, abrange também informações de toda a nação e notícias internacionais. Assim como vários canais da mídia, mantém seu formato físico e digital, complementado pelo apoio de suas redes sociais. No *Facebook* conta com 228.210 curtidas e 228.228 seguidores, rede que foi criada em 12 de janeiro de 2012 e está em plena atividade nesses 8 anos de existência.

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada entre os dias 20 e 28 de outubro de 2020. Neste período foi constatado que a publicação com maior número de comentários possui 108 interações. Tais comentários, para efetivação desta análise, foram divididos entre diversas categorias, como de avaliação e crítica, seja à matéria ou ao estudo, as quais foram analisadas à luz da análise de conteúdo proposta por Bardin²⁵.

Pesquisamos por “estudo hidroxicloroquina” e “estudo cloroquina” na página do *Facebook* do Jornal Estado de Minas. Na modalidade “hidroxicloroquina” foram recuperados 4 *posts* de matérias relacionadas, porém apenas 2 *posts* tratam efetivamente sobre os estudos do composto de hidroxicloroquina para utilização no tratamento de COVID-19, as outras duas publicações são relacionadas ao Ivermectina, referindo-se a esse medicamento como “nova cloroquina”. Já na pesquisa com o termo “cloroquina” não obtivemos nenhum resultado. Para a análise, nos debruçamos na publicação com maior número de comentários para a categorização.

2.2 Categorização

Como parte da metodologia explicitada no tópico anterior, realizamos a coleta de dados planejada para análise de conteúdo e, desta forma, foram criadas categorias a partir do conteúdo dos comentários, agrupados a partir de suas informações, intencionalidade etc. As categorias foram formuladas a partir dos elementos expostos e foram descritas da seguinte maneira:

Quadro 1: Categorias de análises e suas descrições


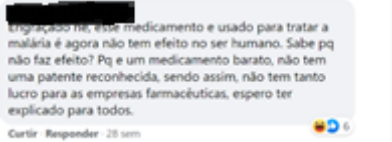
Categorias de análise	Descrição da categoria
Avaliação e respostas de comentário anterior	Comentários avaliando comentários anteriores, mas sem indícios de ironia ou crítica.
Crítica – a matéria, jornal	Comentários que contêm críticas explícitas ao jornal Estado de Minas ou à matéria em questão
Defesa ao medicamento	Comentários que defendem abertamente o uso do medicamento “Hidroxicloroquina” para COVID
Crítica a pessoas – a terceiros	Comentários que contêm críticas explícitas a outras pessoas
Crítica ao estudo	Comentários que contêm críticas explícitas ao estudo sobre hidroxicloroquina
Ironia a terceiros	Comentários que contêm conteúdo explícito de ironia a terceiros

Informativo	Comentários que trazem algo informativo, para além do estudo ou matéria (aqui não estamos falando que essas informações sejam verdadeiras)
Saudações	Comentários que trazem saudações, como bom dia e boa tarde ou obrigado/a e apenas isso.
Sem conteúdo, mas com palavras (como marcação)	Comentários que não têm conteúdo exposto de opinião ou sentimento, mas têm palavras, como por exemplo, marcações de pessoas
Sem palavras	Comentários sem palavra alguma coisa, como gifs e figuras.
Outros	TOTAL 108

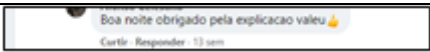


Fonte: elaborada pelas autoras (2020).

Para ilustrar um pouco mais das categorias, seguem exemplos retirados já das postagens:

Quadro 2: Exemplos da categoria

Categoria	Exemplo
Avaliação de comentário anterior	<p><i>"É preciso propagar uso racional de medicamentos, se é evidente que não é eficiente não vejo motivos para fazer uso mas como você disse cada um faz o que acha melhor nesta situação !"</i></p> 
Defesa ao medicamento	<p><i>"Engraçado né, este medicamento e usado para tratar a malária é agora não tem efeito no ser humano. Sabe pq não faz efeito? Pq e um medicamento barato, não tem uma patente reconhecida, sendo assim, não tem tanto lucro para as empresas farmacêuticas, espero ter explicado para todos. sic"</i></p> 
Crítica – à matéria, jornal	<p><i>"A mídia torce o tempo todo para não encontrar a cura, dessa forma tem notícia trágica pra fala durante a vida toda. Sic"</i></p>

Crítica a pessoas – a terceiros	<p><i>“Não adianta publicar. A alienação e o fanatismo político no “messias” é tamanha, que os cegos não acreditam! Mesmo com 80 estudos já comprovando que cloroquina não funciona. Lastimável”</i></p>
Crítica ao estudo	<p><i>“Pois aqui no Brasil está tendo efeitos positivos! Estariam os alemães nos chamando de MACACOS? Sic”</i></p>
Ironia a terceiros	<p><i>“Estudos apontam que o gado perde o tempo tomando um remédio sem eficácia comprovada. Kkkkkkkk”</i></p>
Informativo	<p><i>“qual o problema de tomar? Leia a bula do remédio. Tirei de lá: popde causar confusão mental, convulsões, queda da pressão sanguínea, alterações no electrocardiogama, visão dupla ou borrada, miopia, arritmia e sangramento – este último quando combinado com outros fármacos, como anticoagulantes. Além disso, o consumo prolongado pode também causar danos aos olhos, como alterações visuais e até perda de visão. Isso em pessoas sadias. Imagina uma pessoa que já tem complicações de pressão, cardíacas ou nos olhos. O efeito colateral pode ser letal em casos de comorbidades.”</i></p>
Saudações	<p><i>“Boa noite obrigada pela explicação valeu (emoji de joinha)”</i></p>

	
Sem conteúdo, mas com palavras	<i>"Rina"</i> 
Sem palavras	
Outros	<i>"Onde compra?"</i> 

Fonte: elaborada pelas autoras (2021).

É importante ressaltar que a informação descrita pelo Facebook na postagem apontava para 134 comentários, mas durante a análise individual, foram encontrados 108 comentários, incluindo suas respostas. Tal situação pode acontecer devido a comentários apagados, seja pelo usuário ou pela política adotada pela página, como exclusão de opiniões com discursos de ódio. Além disso, existe uma classificação do Facebook quanto aos comentários, como mais relevantes, mais recentes e todos os comentários. Em cada categoria aparecem diferentes observações, para esta pesquisa selecionamos "todos os comentários". A partir dessa categorização detalharemos as análises dos resultados no próximo tópico.

3. Resultados

As análises aqui mostradas são iniciais e propõem-se a discutir o conteúdo dos comentários junto aos conceitos de autoridade cognitiva, desinformação, rumores e qualidade de informação.

3.1 Análise diagnóstica

A matéria selecionada, publicada pelo Jornal Estado de Minas, discorre sobre um estudo realizado por cientistas alemães publicado na *Nature*. No estudo, os pesquisadores chegaram à conclusão de que a hidroxicloroquina tem efeito em macacos, mas não em seres humanos. "O estudo mostra agora que não ele não é capaz de prevenir a infecção das células pulmonares humanas pelo novo coronavírus. Portanto, é improvável que a cloroquina impeça a propagação do vírus no pulmão e não deve ser usada no tratamento de

COVID-19 [...]”⁵, diz uma parte da matéria. A matéria também trata abertamente da defesa do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, ao uso do medicamento (HCQ) para o tratamento da COVID-19.

Ao analisarmos quantitativamente as categorias criadas através do conteúdo dos comentários, a maioria delas é categorizada como ironia. A maioria dos comentários de ironia contém algo direcionado a algum grupo político em específico. Vale ressaltar que alguns comentários salientam certos apelidos como *minions* e *petralhas*, demonstram sentimentos como desdém, raiva. Esses somam 34,25% dos comentários.

Os comentários que avaliam algum anterior ou respondem perguntas feitas em comentários anteriores ocupam 15,74% do total das interações. Nesses comentários não encontramos indícios de ironia ou crítica, uma vez que, os que configuram ironia muitas vezes são seguidos de risadas ou abreviações adotadas na internet como sqn (só que não).

Os comentários com conteúdo de crítica às pessoas são 18,51% e em sua maioria, criticam grupos ou uma generalidade da população, classificados como “*brasileiros*” ou “*bolsomions*” e “*petralhas*”, reforçando a questão político-ideológica dos usuários.

As críticas ao estudo aparecem em 4,62% dos comentários. Tais críticas podem ser com embasamentos científicos ou não. Alguns criticam o estudo, baseados em outras teorias, mas é possível perceber erros de interpretação do estudo. Há alusões à teoria da evolução, referindo-se a seres humanos como descendentes diretos de macacos.

Dentre todos os conteúdos, averiguamos a existência de alguns em defesa aberta ao uso da HCQ, que totalizam 8,3%. Atentamos que as categorias críticas ao estudo e defesa do medicamento são complementares, uma vez que defender o uso mesmo sem evidência médica é uma forma de criticar a pesquisa.

Identificamos comentários que em sua proposta tentam ser informativos, esses são 2,7%. Os comentários da categoria informativos, em grande parte, tratam sobre bulas e efeitos de remédios, assim como salientam o que está no corpo na matéria, por exemplo, que o uso da hidroxicloroquina é feito por pessoas com malária. Em alguns comentários dessa categoria é possível ver certa desinformação sendo propagada, conforme discutiremos no próximo tópico.

⁵ Vide a matéria completa: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/07/22/interna_nacional,1169256/estudo-hidroxicloroquina-tem-efeito-macacos-mas-nao-humanos.shtml?fbclid=IwAR2IeZp3UgkxfYCpVO0DQnrukUwrgEGuuGNNaWTcJN0X7KajdfktW32p-G3A

As saudações ocupam 9,25% dos comentários, como boa noite, mas também constam agradecimentos. Por último, estão as categorias “sem conteúdo, mas com palavras” (0,93%), sem palavras (1,86%) e Outros (0,93%).

Análise de conteúdo

A análise de conteúdo, ou qualitativa, emergiu nos comentários para trazer os pontos mais relevantes deles.

A desinformação circulada por figuras públicas são parte chave da quantidade de pessoas que falam sobre o medicamento e ignoram os estudos clínicos. O presidente Bolsonaro defendeu, diversas vezes, o uso do medicamento e isso influenciou diretamente a informação recebida por algumas pessoas. A defesa do uso vinda do maior representante do país impulsionou estados e cidades a adotarem o “tratamento precoce” e, também, a defesa de autoridades para o uso do medicamento. A Agência Pública elaborou um especial com várias notícias sobre o assunto, denominado “Era uma vez no país da cloroquina”²⁶⁶

Outro apontamento é o grau, formação ou conhecimento sobre determinado assunto, não necessariamente legitimado por alguma instituição, mas algumas notícias utilizam-se de autoridades administrativas para legitimação. Quanto à tentativa de legitimação de *fake news*, podemos citar que algumas utilizam o nome de certa instituição, isto é, da sua presença na sociedade, da confiança da população para legitimar as informações, exemplo disso é citado por Galhardi, Freire, Minayo e Fagundes,²⁷ que estudaram *fake news* que circularam e algumas ainda circulam pelas redes sociais sobre a pandemia de COVID-19. Ainda segundo os autores supracitados, 26,6% das *fake news* publicadas no *Facebook* apontam a Fiocruz como responsável pelos dados e informações falsas, alguns sobre orientações de receitas caseiras para proteção contra o vírus, já outras 71,4% das mensagens circuladas via *Whatsapp* citam a Fundação Oswaldo Cruz. Além da necessidade de citar instituições para serem reconhecidas como verdadeiras, as *fake news* também trabalham como linha de descrédito institucional²⁷.

Dados esses conceitos, podemos complementar nossa análise crítica dos comentários. O conceito de rumor, associado a uma autoridade cognitiva, é identificado em diferentes comentários. Estes repetem frases prontas circuladas nos rumores, como “*é para utilizar antes de chegar aos pulmões*”, fazendo alusão ao estágio inicial da doença, outros

⁶ https://apublica.org/especial/era-uma-vez-no-pais-da-cloroquina_1/

falam sobre a escolha e opção de tomar ou não o medicamento, novamente fazendo referências a rumores. Determinados comentários ignoram a especificidade do tratamento e questionam: *“Engraçado né, esse medicamento [é] usado para tratar a malária [e] agora não tem efeito no ser humano”*. Também são feitas teorias acerca do custo do medicamento para empresas farmacêuticas e que por apresentarem um custo menor (*“baratos”* – na visão destes leitores), os estudos podem estar sendo comprados.

Alguns comentários reafirmam que mesmo sem evidência científica, o uso do medicamento seria a melhor opção para todos, corroborando com os rumores *“[...] e qual o problema de tomarem, ainda que não surta efeitos? Não entendo o motivo de críticas! Se tivesse outra opção seria razoável, mas não tem!!! Então, quem quer tentar se salvar toma e quem prefere morrer sem tentar não toma!”*

Em todos os comentários, é possível visualizar rastros de discursos realizados por autoridades administrativas que para certas pessoas também são autoridades cognitivas. Exemplo disso são os discursos do presidente Jair Bolsonaro, implícitos em muitos comentários. Há evidências das afirmações do presidente de que o medicamento deveria ser utilizado por opção de quem quiser ou de que o medicamento é para a fase inicial e, novamente presente, a questão de individualidade: *“se quiser toma, se não quiser não toma”*.

Algo que deve ser ressaltado são os comentários que criticam a imprensa ou jornal, como por exemplo: *“Que informação dw qualidade! Kklllkkssqr”*. Tais comentários testificam a afirmação de Fernandes e Montuori⁹ sobre as crenças se sobreporem aos fatos. Na análise isso se caracteriza pelo questionamento ao jornalismo e às instituições. Além disso, ambientes como as redes sociais e mídias alternativas têm ganhado espaço da sociedade e esse: *“[...] novo espaço de interação se transformou em um terreno fértil para a proliferação de notícias falsas e/ou falsificadas. Informações equivocadas, enviesadas e conteúdos que alimentam uma rede de desinformação sempre estiveram presentes na dinâmica da vida social e se ampliaram com a consolidação dos meios de comunicação.”*⁹

A maioria dos comentários são em sua maioria ironia sobre o quanto as pessoas são influenciadas por autoridades, como exemplo *“Agora os gados vão citar a teoria da evolução para defender o remédio”*, como citamos anteriormente, gado é um apelido ligado aos seguidores do presidente Bolsonaro, uma autoridade cognitiva para esses. Muitos dos comentários com ironia falam do próprio presidente, fazendo uma piada sobre ele defender o uso do medicamento *“POR ISTO QUE BOLSONARO TÁ TOMANDO!”* ou comentários comparando o presidente a um animal *“Se curar o Mito pode incluir os equinos aí nesse estudo!”*. Essa ironia indica que certos usuários da rede são mais críticos às informações e

rumores disseminados pelo presidente, mas também reforçam o caráter ideológico de alguns comentários.

Outra categoria interessante de ser discutida é a de comentários informativos. Nessa primeira categorização, não analisamos a qualidade de informação contida neles, apenas a intenção de informar algo que não estivesse explícito no estudo ou na matéria. A maioria dos comentários diz respeito a informações sobre o medicamento, o perigo da automedicação ou tentam refutar sobre outra observação, como é o caso de *“efeito colateral do Dorflex. Alguns dos efeitos colaterais de Dorflex podem incluir secura na boca, redução ou aumento do ritmo cardíaco, batimentos irregulares do coração, palpitações, sede, diminuição do suor, dificuldade em urinar, visão embaçada, pupila dilatada, aumento da pressão dentro do olho, fraqueza, enjoo, vômito, dor de cabeça, tontura, prisão de ventre, sonolência, reações de alergia, coceira, alucinações, agitação, tremor, irritação no estômago com sintomas como dor no estômago e sensação de estômago cheio. Esse é um dos medicamentos mais consumidos. Lembrando que não precisa de receita para compra em uma farmácia.”*

Por mais que na hora de categorizar não tenhamos qualificado as informações, seria irresponsabilidade não explicitar que alguns comentários contêm desinformação, como *“leia a bula da novalgina, paracetamol e dorflex que todos tomam sem nenhum medo! E a hidroxicloroquina é usada a mais de 50 anos e nunca matou ninguém! Conheço muitas pessoas que tomam a mais de vinte anos e a única preocupação, por ser um tempo prolongado de uso, é fazer um controle com o oftalmologista! E muitos nem fazem”* [sic].⁷ Nesse caso o indivíduo afirma que a hidroxicloroquina não matou ninguém, o que é uma inverdade, uma vez que o estudo CloroCovid não indica doses altas do medicamento, após a morte de 11 pacientes²⁸. Somado a isso, temos a insistência em ignorar o fato da hidroxicloroquina ser utilizada em tratamento específico e não ter efeitos sobre COVID-19.

Dessa forma, podemos analisar que a influência é tão intensa para certas pessoas, que elas ignoram a qualidade de informação e replicam as falas de uma autoridade cognitiva. A qualidade da informação, segundo Assis e Moura²⁹, pode ser observada a partir de duas abordagens: a positivista, em que a informação é concebida como passível de quantificação e controle; e a abordagem pragmática, em que o sujeito e os julgamentos criados por sua mente interpretadora são os responsáveis pela concepção da qualidade. Podemos observar em mais destaque a segunda vertente nos comentários. Para as pessoas

⁷ Os comentários foram transcritos da forma escrita pelo usuário da rede, por isso, existem erros de digitação.

que deixaram as suas declarações na rede social do Jornal, a qualidade da informação tem um determinado viés valorado por esses indivíduos a partir de uma informação de outra pessoa, que pode ser considerado a autoridade cognitiva. Dirigimo-nos, agora, às considerações finais desse trabalho.

4. Conclusão

É importante analisarmos os conteúdos e informações tidas como verdadeiras por certas pessoas, com olhar crítico, e entender que esse indivíduo, a partir de seus preceitos pessoais, pode ser influenciado em diferentes medidas por outro indivíduo, dotado de conhecimento e poder para tal ação. Os comentários demonstram sentimentos, de forma verbal ou não. O *Facebook*, em especial, apresenta opções de reagir aos comentários e responder. Tal espaço incentiva um lugar de reafirmação de ideais ou de crítica a ideais e posições.

No cenário das redes sociais, a autoridade cognitiva faz parte da vida da pessoa influenciada, isto é, faz com que ela seja influenciada de diversas formas, a ponto de ignorar a qualidade de informação e/ou evidências científicas e replicar somente as afirmações dessa autoridade cognitiva. No caso do *Facebook*, e em especial na análise realizada, é nítida a replicação de discursos e diálogos que podem conter desinformação ou rumores e que mesmo com a atual iniciativa de combate a este problema, observam-se comentários que não foram notificados e/ou excluídos pela empresa.

Nessa análise, que buscou analisar o conteúdo dos comentários à luz dos conceitos, como autoridade cognitiva, desinformação, pós-verdade, qualidade de informação, consideramos que chegamos ao resultado esperado, mas reafirmamos a necessidade de mais estudos sobre os comentários e sentimentos colocados nas redes sociais, posto que os mesmos exprimem os diferentes desenlaces das relações sociais e de poder.

Além disso, podemos entender que cada vez mais fazem-se necessários trabalhos sobre competência em informação no meio digital e letramento em saúde, como suporte à visão crítica necessária para lidar com a informação disponível nos meios digitais, com destaque para as redes sociais. Neste sentido, também ratificamos que a atuação do bibliotecário, com conhecimento do fenômeno da pós-verdade, contribui no combate à desinformação e *fake news*, podendo tornar-se um profissional de referência para orientar sobre a qualidade de opiniões.

Agradecimentos

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) por subsidiar essa pesquisa.

Referências

1. Brasil. Ministério da Saúde. Sistema Universidade Aberta do SUS. Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. UNA-SUS[Internet]; 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>.
2. Oliveira M. Aplicativo de saúde do governo configura crime de responsabilidade. Congresso em Foco[Internet]. 17 fev. 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/aplicativo-de-saude-do-governo-configura-crime-de-responsabilidade-diz-jurista>.
3. Johns Hopkins University & Medicine. CoronavirusResource Center. Global Map, [Internet]. 19 fev. 2021. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>.
4. Organização mundial da saúde; organização pan-americana de saúde. Folha informativa covid-19 – escritório da opas e da oms no brasil. OMS,OPAS [Internet]; 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19#cloroquina-hidroxicloroquina>.
5. Conselho federal de enfermagem. OPAS/OMS esclarece posição atualizada sobre uso da hidroxycloroquina [Internet]. 2020. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/opas-oms-esclarece-posicao-atualizada-sobre-uso-da-hidroxycloroquina_80452.html.
6. Sociedade Brasileira De Infectologia. Informe nº 16 da Sociedade Brasileira de Infectologia sobre: atualização sobre a hidroxycloroquina no tratamento precoce da Covid-19 [Internet]. 17 jul. 2020. Disponível em: <https://infectologia.org.br/wp-content/uploads/2020/07/atualizacao-sobre-a-hidroxycloroquina-no-tratamento-precoce-da-covid-19.pdf>.
7. World Health Organization. "Solidarity" clinical trial for COVID-19 treatments. WHO[Internet]; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/global-research-on-novel-coronavirus-2019-ncov/solidarity-clinical-trial-for-covid-19-treatments>.
8. Xavier F, Olenscki JRW, Acosta AL, Sallum MAM, Saraiva AM. Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde a COVID-19. Estudos Avançados [Internet]. 2020;34(99). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v34n99/1806-9592-ea-34-99-261.pdf>. doi: 10.1590/s0103-4014.2020.3499.016.
9. Fernandes CM; Montuori, C. A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'. RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde [Internet]. 2020; 14(2):444-460. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41958>.
10. Marteleto RM. Análise de redes sociais: a aplicação nos estudos de transferência da informação. Ciência da Informação [Internet]. 2001; 30(1):71-81. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>.
11. Instagram faz 10 anos como uma das maiores redes sociais do mundo e de olho no TikTok, para não envelhecer. G1 [Internet]. 06 out. 2020; Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/instagram-faz-10-anos-como-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml>.

12. We Are Social. Digital in 19 [Internet]. 2019. Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em: 27 fev. 2021.
13. We Are Social. Digital in 20 [Internet]. 2020. Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2020>. Acesso em: 27 fev. 2021
14. Facebook. Nossa missão. [Internet]. [2020]. Disponível em: <https://about.fb.com/br/company-info/>.
15. 7 Pontos para ficar de olho no depoimento de Zuckerberg ao Congresso dos EUA. BBC News Brasil, [Internet]; 10 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43712692>.
16. Facebook. Facebook apoia projetos no Brasil para combater desinformação. Facebook [Internet.], 2018. Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2018/01/facebook-apoia-projetos-no-brasil-para-combater-desinformacao/>.
17. Pinto GAO. Fact-checking e eleições presidenciais de 2018: a disputa pela verdade em interações no Twitter. 2020. [master's thesis]. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais; 2020.
18. Paiaia, Victor Rabello. Rumores, fake News e o impeachment de Dilma Rousseff. Teoria e Cultura: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF [Internet]. 2018;13(2):22-39. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12427>.
19. Ting CSW, Song SGZ. What Lies BeneaththeTruth: a literature review on fake news, false information and more. Singapura: Institute of Policy Studies; 2017.
20. Moura MA, Paula LT. Cognitive authority, accountability and the anatomy of a lie: experiments for detecting fake news in digital traces. In: DALKIR K, KATZ R, organizations. Navigating Fake News, Alternative Facts, and Misinformation in a Post-truth World. Toronto: IGI Global; 2020. p. 259-272.
21. Bastos PN, Câmara GE. Análise comparativa sobre as postagens no Facebook da Frente Brasil Popular e do Movimento Brasil Livre (MBL). In: Anais do 43th Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação [Internet]; 2020; Salvador: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Universidade Federal da Bahia; 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1028-1.pdf>.
22. Saraiva LJC, De Faria JF. A Ciência e a Mídia: A propagação de Fake News e sua relação com o movimento anti-vacina no Brasil. In: Anais do 42th Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação [Internet]; 2019; Belém: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal Rural da Amazônia; 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1653-1.pdf>.
23. Figueiredo MF, Saldanha GS. Notas sobre autoridade epistêmica: entre Pierre Bordieu e Patrick Wilson. In: Anais do 17th Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação [Internet]; 2016; Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2016. p. 1-18. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/3322>.
24. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas; 1999.
25. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 1970.
26. Afiune G, Anjos AB, Dolce J, Oliveira R, Fosenca B, Muniz B. Era uma vez no país da cloroquina. Agência Pública[Internet]; 2020. Disponível em: https://apublica.org/especial/era-uma-vez-no-pais-da-cloroquina_1/.
27. Galhardi CP, Freire NP, Minayo MCS, Fagundes MCM. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da COVID-19 no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva

- [Internet]. 2020; 25(10):4201-4210, Suppl.2. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v25s2/1413-8123-csc-25-s2-4201.pdf>.
28. Howard J. Estudo brasileiro sobre cloroquina é interrompido após morte de pacientes. Brasil: CNN Brasil [Internet]; 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/04/13/estudo-brasileiro-sobre-cloroquina-e-interrompido-apos-morte-de-pacientes>.
29. Assis J, Moura MA. A qualidade da informação na web: uma abordagem semiótica. Informação & Informação. [Internet] 2011; 16(3):96-117. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel//index.php/informacao/article/view/8078#:~:text=Conclus%C3%B5es%3A%20Considera%2Dse%20que%20as,produ%C3%A7%C3%A3o%20e%20compartilhamento%20de%20significados>.
30. Araújo RF, Travieso-Rodriguez C, Santos SRO. Comunicação e Participação Política no Facebook: análise dos comentários em páginas de parlamentares brasileiros. Informação & Sociedades: Estudos. [Internet] 2017; 27(2):279-290. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/38910/1/comunica%C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtica.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.
31. o dilema das redes. Produção: Larissa Rhodes. Direção: Jeff Orlowski. [S. /]: Netflix, 2020. 134 min. Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 22 jan. 2021.
32. Portugal J. Fiocruz inclui o primeiro paciente no ensaio clínico “solidarity”. Portal Fiocruz [Internet]; 02 abr. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-inclui-primeiro-paciente-no-ensaio-clinico-solidarity>.
33. Privacidade hackeada. Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. [Reino Unido]: Netflix, 2019. 154 min. Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 22 jan. 2021.